

Resenha

O tempo retorna: Maffesoli e a comunicação pós-moderna

Guilherme Mendes PEREIRA¹

Procuramos no presente texto apresentar um breve sumário de algumas das questões ideadas pelo pensador Michel Maffesoli em sua mais recente publicação *O tempo retorna: formas elementares do pós-modernidade*, e também a partir de sua fala, proferida em um seminário ministrado na Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul nos dias 21, 22 e 23 de novembro de 2012.

Pensador do momento pós-moderno e defensor da *sociologia da compreensão*, Maffesoli (2007) nos revela alguns dos principais movimentos socioculturais dos últimos tempos no ocidente. Nos mostra alguns dos múltiplos espíritos das épocas (*Zeitgeists*) que ora se extinguem e ora renascem, ora se sobrepõem e ora se justapõem num fluxo *cíclico* e incessante. Maffesoli fala do atravessamento do indivíduo por esses distintos e difusos *Zeitgeists* através de um movimento de *transcendência imanente*.

Ele comenta, por exemplo, sobre a modernidade (séculos XVIII e XIX), período no qual confiou-se devotamente no racionalismo matemático, no cientificismo e na emancipação do espírito individual. Momento fundado a partir da visão monoteísta judaico-cristã que mais tarde agrupou-se ao positivismo de Descartes e ao pensamento centrado no *eu*. Época dominada pelo *linearismo histórico* auto afirmado, um tempo no qual confiou-se a vida na esperança da salvação do ser e de um possível futuro melhor, traduzido pelo *progressismo* (MAFFESOLI, 2012).

Maffesoli (ibid.) critica o conformismo do pensar, muitas vezes impregnado ainda por essa aura moderna, e a inclinação a se reduzir o denso e o complexo do mundano à coordenadas pretensamente calculáveis e manipuláveis. Ao mesmo tempo em que o cotidiano comum parece ser insignificante sob a ótica cientificista, o pensador

¹ Mestrando do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CAPES.

nos lembra que é esse mesmo cotidiano que estrutura o nosso mundo. Ele fala que a cultura comum serve de *cimento* ao *estar junto*, ao viver em sociedade. O pensador toma partido do querer viver pulsante, seminal à grande maioria dos indivíduos. Ele defende o *dizer sim à vida, apesar de tudo*. Propõe apreciar a vida e o *estar junto*, e o compreender acima de tudo (2007).

Como Maffesoli (2012) observa, *o tempo retorna*, e com a nascente e pululante pós-modernidade e o regresso ao *tribalismo* pagão, fluem sintomas diversos, indicadores dos novos tempos, dos novos modos de perceber as coisas e também de se relacionar com o mundo e com o outro. A *estetização da vida*, a *revalorização do cotidiano*, o *cultivo ao corpo*, o *sentimento tribal de pertença*, a *invaginação dos sentidos* e a *volta do imaginário, do lírico, do onírico e do emocional* são os novos indicadores desse outro e púbere momento que insurge nos horizontes da contemporaneidade. Um período no qual o *paganismo*, o *nomadismo* e a *comunitário arcaicos* regressam. Torna-se evidente um *politeísmo de valores* (MAFFESOLI, 2007).

A aparente superficialidade do estar junto pode revelar profundezas inóspitas (o desbravador Maffesoli que o diga!). A aparente superficialidade do estar junto começa a ser complexificada e revalorada. Nesse momento pós-moderno o *progressismo* cede lugar a *progressividade*, ao *pensar em espiral*.

A pós-modernidade (séculos XX e XXI) germina sujeitos duplos, ambíguos, que se expressam através da *teatralidade do dia-a-dia*, do *sentimento trágico da existência*. Nas redes sociais da internet, por exemplo, como nos mostra Maffesoli (2012), insurgem novas socialidades, outras formas de *estar junto*, de *copertencer*, baseadas não mais no *contrato social*, mas agora no que o pensador vai chamar de o *pacto emocional*. É a convocada *horizontalidade* pós-moderna (a *lei dos irmãos* ou *imanação*) maximizada pela evolução tecnológica que substitui a *verticalidade* moderna (a *lei do pai*). Os sentidos se fazem e são experienciados no momento presente, e através de uma maximização do sensorial, do presente, das relações sociais, tudo passa a ter sentido. É o momento do Google, Facebook, Twitter, Wikipedia, YouTube... É o momento da *viralidade* nos meios de comunicação social virtual. Aliás, a metáfora do vírus revela um contraponto interessante a assepsia e sanidade obstinadamente galgadas na modernidade, como nos indica Maffesoli (ibid.). Na net se propaga a figura do fractal,

do fragmentado, do barroco, e os jovens passam a buscar a realização através do *online* na vivência de *pequenas utopias intersticiais*.

Maffesoli (2012) apontou como figura emblemática da época moderna *Apolíneo* ou *Prometeu*, um adulto centrado em si, coerente, trabalhador e procriador, que influenciou a racionalização da vida social no esquema da linha de montagem, baseada no trabalho e no *contrato social*. Já para a pós-modernidade, o pensador refere *Dionísio*, uma figura ambígua, errante, aventureira, em busca do gozo na vivência despreocupada do presente, é a figura da *criança eterna*.

A todo momento Maffesoli (ibid.) nos revela essa dicotomia: a modernidade com seu *monoteísmo de valores*, cientificista, fundada na tradição imutável, em verdades absolutas, nas grandes narrativas, na utopia do progresso e na ideia da salvação futura do espírito individual *versus* a pós-modernidade barroca, difusa, fragmentada, imperfeita, que dá lugar ao *coletivismo*, ao *tribalismo*, ao *politeísmo de valores* e a *duplicidade* dos sujeitos, uma época formada pelo regresso ao paganismo e ao mitológico que irão fluir e ressignificar crenças e costumes, agora instáveis, efêmeros e mutáveis.

Esse retorno ao paganismo marca a aceitação tanto do bem quanto do mal como características iminentes do sujeito. Esse sujeito que se importa com o *gozo presente* acima de tudo, valoriza e usufrui do seu corpo, da sexualidade e suas ambivalências. É o hedonismo e narcisismo cotidiano manifestos e potencializados. Mas esse narcisismo, conforme destaca Maffesoli (ibid.) não se constitui a partir do mergulho no reflexo de si, e sim na imersão na profusão do ambiente aquífero que conforma esse reflexo.

No narcisismo das redes *online*, por exemplo, importa a comunhão com o outro através da imersão nas redes informacionais que conformam realidades. Não acredita-se mais na *economia da salvação individual*. Ao invés disso, busca-se maneiras alternativas de viver. Na net, florescem ímpetos de generosidade e solidariedade em prol do *estar junto*. Compartilhar, colaborar, cooperar são as ideias da vez que demonstram essa outra forma de fruição do sujeito que se dá através do (e pelo) outro.

Maffesoli (2012) aponta aí a noção de *egrégora*, uma manifestação do *espírito coletivo comum*, que transcende o *eu*. O autor lança a ideia de *climatologia*. Fala dos *vapores reais (localismos)* e *vapores irrealis (lugares simbólicos)* que sobem da terra e

são expressados através das ambiências, das preferências, das comunidades tribais. “As atmosferas, os vapores do céu, crenças e terra compartilhados pela tribo, é isso mesmo que, para além do contrato racional, vai privilegiar o pacto emocional” (p.35).

O pensador insiste que só há *eu*, mundo e coisas sob o olhar e elaboração do outro. A epidemia emocional erótica (valendo-se da noção de vírus na *net*) reelabora o *contrato social moderno*, que um dia foi centrado no enclausuramento do indivíduo no cerne egótico do espírito emancipatório (MAFFESOLI, 2012).

Correlato a isso temos então a noção de tribos (MAFFESOLI, 1988, 2012). As pequenas comunidades (tribos) agora reúnem indivíduos plurais e astutos ensejados em máscaras, papéis e teatralidades. As irregularidades do devir humano emergem numa outra época barroca: a pós-modernidade centrada no *presenteísmo*. O pensador (2012) apresenta aí três características para o fenômeno tribal: o *localismo*, o *compartilhamento de ideais* e a *volta da figura da criança eterna*.

A *criança eterna* por sua vez carece de apoio do elemento maternal. Aí entra a ideia de *invaginação do sentido*, que abarca o movimento irrefreável das coisas do mundo. É o regresso às entranhas, ao sensível, ao sensorial. É o colocar-se em sintonia com as cadências do devir. Um repousar que vai de encontro ao ideal de progresso, é o *progressismo*. O ser humano é percebido em seu âmago, além do cérebro racionalizador, com seu corpo sensual pleno de ritmos e sentidos. A *invaginação do sentido* é também uma volta ao selvagem, ao barroco. É a aceitação da irregularidade do mundo, completou o autor (ibid.).

Como já colocado aqui, conforme Maffesoli (ibid.), existe uma agitação entre paradigmas diversos, numa espécie de processo que tende ao equilíbrio: a supremacia de um tende a estimular a sobreposição de outro. Assim, os arcaísmos retornam com potência na pós-modernidade e o instinto nômade é um destes. O pensador relaciona esse nomadismo pós-moderno ao *daïmon* dos gregos. O enlaçamento das novas tecnologias de comunicação e de informação com os arcaísmos pode ser um indício da ação desse espírito criativo e sensual, o *daïmon*. Com o avanço da técnica no ocidente, o desenvolvimento científico e a racionalização totalitária das coisas e da vida, aconteceu uma espécie de *desencantamento do mundo*. Mas com a tecnologia pós-moderna, que uniu o *logos* a *techné* sob a ação desse *daïmon*, parece acontecer o contrário: o

reencantamento do mundo. A maior expressão atual disso, a internet, revela como seu principal propósito hoje o estabelecimento de laços, o gozo real, o lúdico do momento.

Maffesoli (2012) explica que se a modernidade foi marcada pelas circum-navegações, pode-se dizer que hoje, na pós-modernidade, o ato de navegar na net pode ser o termômetro de outros ânimos, o mapa de novos mundos. É uma nova cultura, a cibercultura como uma paradigma em gestação. “[...] *cibercultura é, ao mesmo tempo, expressão do poder da imagem e do gozo inútil. O jogo do imaginário ocupa, aí, um lugar de escolha, e a dimensão onanista [...]*” (p.90).

Onanismo e iconoclastia são também predicados da cena ciber, destacou Maffesoli (ibid.) e trazem a ideia do *gozo masturbatório gratuito* a partir do apreciação de imagens, sem finalidade de procriação, um desperdício e agir frívolo, condenado na modernidade. Soma-se a isso o *festivo*, o *imaginário*, o *onírico coletivo* como outros princípios do ciberespaço. Um espaço que contamina viralmente e mistura o privado e o público. Tudo passa a estar no domínio público. A partir da partilha de imagens (*iconoclastia*) e de gostos, sensações, e da fruição gratuita (*onanismo*) disso, se estabelecem vínculos, e acontece uma espécie de pensar e agir coletivos. “[...] *existe, nos laços invisíveis das trocas virtuais, algo que, mais do que a dimensão econômica, a quantificação positivista, as infraestruturas materiais, garante uma coesão social da qual não paramos de medir as consequências*” (ibid., p.93).

Para Maffesoli (ibid.), só se pode captar o real a partir do seu avesso: o irreal. O irreal advém do imaginário. E o imaginário contemporâneo, por sua vez, é correspondente ao *daimon* de Sócrates. O irreal, o imaginário, o lírico e o onírico renascem sob a alcunha do *realismo mágico*. Realismo esse potencializado pelas tecnologias cibernéticas. A pandemia da comunicação digital viral pós-moderna traz consigo outras formas de solidariedade e o *pacto emocional das tribos pós-modernas*. Pacto através do qual a razão e o humano, o intelecto e o afeto voltam a se inter-relacionar. E aí se dá outro renascimento, a partir do tempo que retorna. Um renascimento juvenil, sobre o qual temos ainda muito o que compreender.

Referências

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

_____. **O tempo retorna:** formas elementares do pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.